

BRASIL



IGREJA BATISTA
DO ESTORIL

SOB A CRUZ DE CRISTO,
PARA A GLÓRIA DE DEUS!

REFLEXÃO E FÉ

O que há de pior no ser humano

A artista Luana Piovani declarou que evangélico é “o que há de pior no ser humano”, tentando transformar uma opinião agressiva em diagnóstico social. Mas uma frase de efeito não substitui a realidade e a realidade quando observada desmonta essa acusação pela raiz. Os dados do IBGE não dizem que os evangélicos representam degradação moral alguma. Dizem outra coisa: que eles compõem uma parcela expressiva, crescente, produtiva e profundamente enraizada no Brasil real, formada por milhões de homens e mulheres presentes em todas as camadas da sociedade - nas periferias e nos centros urbanos, nas favelas e nos condomínios de alto padrão, nas pequenas cidades do interior e nas grandes capitais, entre trabalhadores simples, profissionais liberais, empresários, acadêmicos, servidores públicos, famílias ribeirinhas, comunidades esquecidas e também nos círculos mais influentes da vida nacional. O povo evangélico não é uma caricatura social; é uma presença ampla, diversa e incontornável na formação humana, cultural e espiritual do país.

Quando o Rio Grande do Sul foi devastado pelas enchentes, o que se viu não foi a caricatura arrogante criada por celebridades ressentidas. Viu-se igreja abrindo portas. A Junta de Missões Nacionais dos Batistas enviou voluntários, carretas, alimentos e atendimento de saúde. Igrejas de várias denominações recolheram doativos, organizaram lavanderias, acolheram famílias, distribuíram comida, água, roupa, remédio e esperança. Enquanto as estruturas públicas, pesadas por natureza, ainda calculavam rotas, cristãos comuns já estavam limpando lama, carregando colchões, socorrendo, alimentando, abraçando desconhecidos e chorando com os que perderam tudo.

Nas ruas onde a dependência química destrói corpos e famílias, há projetos cristãos recebendo gente que o mundo descartou. A Cristolândia e tantas comunidades terapêuticas ligadas às igrejas evangélicas, cuidam de pessoas feridas pelo álcool, pelo crack, pela solidão e pela miséria moral que ninguém resolve com discurso bonito. Pode-se discutir modelos e políticas públicas, mas não se pode apagar o fato de que quando o Estado falha, a igreja permanece. Também na Amazônia, nas periferias, nos presídios, nos hospitais, nos abrigos e nas noites frias das grandes cidades, há evangélicos servindo sem câmara, sem contrato publicitário e sem aplauso. São pastores que enterram filhos dos outros, missionários que atravessam rios, mulheres que cozinham para multidões, jovens que madrugam em campanhas de socorro, profissionais que oferecem consulta, escuta e cuidado gratuitamente. Chamar essa multidão de “o pior do ser humano” é preconceito religioso em estado bruto.

A agressão não veio apenas do entretenimento. Em 7 de fevereiro de 2026, em Salvador, durante a comemoração dos 46 anos do PT, o presidente Lula afirmou em tom de cobrança: “90% dos evangélicos ganham benefícios do governo. Precisamos ir para lá conversar com eles”. Noventa por cento? A frase reduziu uma comunidade de fé a uma massa dependente do Estado, como se a igreja fosse um curral social à espera de condução política. Além de ser uma inverdade caluniosa, uma generalização ofensiva, a declaração revelou uma visão de manobra: procurar os evangélicos não por reconhecer neles dignidade, consciência e fé, mas por tratá-los como pessoas que recebem ajuda do governo e por isso, deveriam demonstrar algum tipo de gratidão política. Isso é grave, porque benefício social não é favor de governo, não é moeda de troca eleitoral, é dever do Estado custeado pela própria sociedade para socorrer quem precisa, sem exigir submissão ideológica em troca.

Isso precisa ser respondido com firmeza. A igreja evangélica brasileira não é braço de governo. Particularmente entre os batistas, há um princípio histórico inegociável: “a separação entre Igreja e Estado”. A igreja respeita autoridades, ora pela nação e serve ao próximo; mas pertence a Cristo. As igrejas evangélicas não vivem do povo; vivem para servir o povo. Alimentam famílias, visitam enfermos, amparam viúvas, acolhem órfãos, enfrentam vícios, socorrem calamidades, alfabetizam, aconselham, capacitam, consolam e reconstróem biografias quebradas. Fazem isso sustentadas pela fidelidade, amor e generosidade de seus membros.

O Brasil precisa abandonar essa máquina de dividir brasileiros: crentes contra descrentes, ricos contra pobres, brancos contra negros, homens contra mulheres, campo contra cidade, igreja contra sociedade: essa engenharia da suspeita corrói a nação e normaliza a mentira. Desumanizar um povo inteiro é covardia. Jesus avisou que seus discípulos seriam odiados, ainda que fizessem o bem. Portanto, a igreja não deve se surpreender, mas também não deve se calar. O pior no ser humano não é o evangélico, absolutamente; o pior no ser humano é a mentira, a manipulação, o Pecado que posa de consciência superior diante daqueles que apenas servem em silêncio, todos os dias.

SERÁ UM PRAZER RECEBÊ-LO EM NOSSA IGREJA!

Hugo Evandro Silveira

Pastor Titular - Igreja Batista do Estoril.

E-mail: hugoevandro15@gmail.com

Hantavírus é comum em países como o Brasil e é transmitido por roedores silvestres

Três mortes, uma delas confirmada para a doença, em cruzeiro que partiu da Argentina acendeu alerta entre as autoridades

Brasília - Um possível surto de hantavírus pode ter causado três mortes e três adoecimentos em um cruzeiro que partiu da Argentina a caminho de Cabo Verde. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), um caso foi confirmado e os outros cinco seguem em investigação. No Brasil, foram identificados 2.377 casos entre 1993 a 2024, sendo 540 óbitos, de acordo com o Ministério da Saúde, sendo a maioria na região rural.

O vírus, do gênero Orthohantavirus, é o agente causador da zoonose hantavírose, transmitida por roedores silvestres, também conhecidos como ratos do mato. Informações da Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente afirmam que existem mais de 200 espécies desses roedores e eles estão mais presentes em regiões rurais e silvestres, o que explica o porquê de 70% dos casos da doença serem na zona rural. Ratos urbanos - ratazana, rato preto e camundongo - estão mais associados à transmissão de leptospirose.

Segundo o pneumologista Carlos Carvalho, professor da faculdade de medicina da USP (Universidade de São Paulo) e diretor da UTI Respiratória e da telemedicina do InCor (Instituto do Coração), o vírus é mais frequente em alguns países da América do Sul, principalmente no Brasil.

“Ele [o vírus] é eliminado



Arquivo

Cruzeiro partiu da Argentina a caminho de Cabo Verde

através da mordida ou das fezes e urina desses roedores. Então, se uma pessoa vai varrer o lugar e isso sobe como aerossóis, a pessoa pode inalar esse vírus e ele vai entrar nas vias respiratórias”, afirma.

A forma mais comum de manifestação da doença nas Américas é pela Síndrome Cardiopulmonar por Hantavírus. A fase inicial da doença dura cerca de 3 a 5 dias e os principais sintomas são dor de cabeça e febre alta, dores no corpo, sintomas gastrointestinais, como diarreia, náusea, vômito e dor, similar a um resfriado ou virose comum.

A fase mais avançada, chamada de cardiopulmonar, pode progredir entre 4 e 24 horas após o início de tosse e dificuldade respiratória. Ela também é caracterizada pela respiração acelerada, pressão baixa, edema pulmonar e taquicardia. Além desses, o relatório de prevenção da Opa (Organização Panamericana de Saúde), que identificou au-

mento dos casos no continente americano durante 2025, indica que há sintomas específicos da manifestação da síndrome na América do Sul, como manchas vermelhas na pele, sangue na urina e rubor facial.

“[A infecção] Vai desde um extremo relativamente benigno até quadros graves de choque e insuficiência respiratória, precisando de UTI e suporte ventilatório”, afirma Carvalho. Não se sabe ainda o que determina se a doença vai ser apresentada em um quadro leve ou grave, podendo ser desde genética até a carga viral inalada.

Ao limpar um local que pode estar infectado, a organização sugere ventilar a área por pelo menos 30 minutos antes de entrar e desinfetar com uma solução de água sanitária (proporção um para dez) ou detergente. Varrer ou usar aspiradores de pó pode fazer com que os resíduos infectantes se espalhem com mais facilidade. Usar luvas de borracha ou plástico durante todo o processo.

Fiocruz oferece curso gratuito sobre as bets e saúde mental

Brasília - A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em parceria com o Ministério da Saúde, quer qualificar profissionais da saúde para lidar com os impactos dos jogos de aposta (bets) na população brasileira. Para isso, a instituição vai ofertar a profissionais de saúde o curso Jogos de Aposta: Cuidado na Rede de Atenção Psicossocial, que está com inscrições abertas até 2 de junho por meio do site da Fiocruz.

Voltada para trabalhadores da Rede de Atenção Psicossocial e da Atenção Primária, a formação será ofertada na modalidade a distância, com carga horária de 45 horas. Serão ofertadas, ao todo, 20 mil vagas para o curso em todo o país. Em nota, a Fiocruz avalia que as bets têm ampliado presença no Brasil, impulsionadas por plataformas digitais e pela inserção em diferentes setores.

“O fenômeno, de alcance

massivo, tem gerado novos desafios para os serviços de saúde, especialmente diante do aumento de casos que envolvem prejuízos sociais, emocionais e financeiros, atingindo inclusive crianças e adolescentes.” Estruturado em 4 módulos, o curso aborda desde o contexto histórico e os impactos contemporâneos dos jogos de aposta até estratégias de prevenção, intervenções psicossociais e fortalecimento do trabalho em rede.